



O GAMBITO DA RAINHA

WALTER TEVIS

NETFLIX

UMA SÉRIE
ORIGINAL
NETFLIX

O GAMBITO DA RAINHA

Título original: *The Queen's Gambit*
Copyright © 1983, 2014 por Walter Tevis
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicada mediante acordo com Susan Schulman: a Literary Agency, Nova York.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ivanir Calado
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Juliana Souza e Suelen Lopes
diagramação: Miriam Lerner | Equatorium Design
imagem de capa: © Netflix 2021. Uso autorizado.
adaptação de capa: Natali Nabekura
impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T334g

Tevis, Walter, 1928-1984

O Gambito da Rainha / Walter Tevis ; [tradução Ivanir Calado]. -

1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.

304 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Queen's Gambit

ISBN 978-65-5565-166-9

1. Ficção americana. I. Calado, Ivanir. II. Título.

21-70790

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Eleanora

Para que as torres altíssimas sejam queimadas
E os homens se lembrem desse rosto,
Mova-se com suavidade, se mover-se for preciso
Neste local solitário.
Ela – parte mulher, três partes criança – pensa
Que ninguém olha; seus pés
Ensaiam uma dança
Aprendida nas ruas.
Como uma mosca de pernas longas sobre o riacho
Sua mente se move sobre o silêncio.

– W. B. Yeats, “Mosca de pernas longas”

NOTA DO AUTOR

HÁ ANOS O MAGNÍFICO xadrez dos Grandes Mestres Robert Fischer, Boris Spassky e Anatoly Karpov é uma fonte de prazer para jogadores como eu. Como *O Gambito da Rainha* é uma obra de ficção, pareceu prudente omiti-los da lista de personagens, mesmo que apenas para impedir contradições em relação aos registros.

Gostaria de agradecer a Joe Ancrile, Fairfield Hoban e Stuart Morden, todos excelentes jogadores, que me ajudaram com livros, revistas e regras de torneios. E tive a sorte de receber o auxílio caloroso e diligente do Mestre Nacional Bruce Pandolfini, que fez a revisão do texto e me ajudou a evitar os erros relativos a esse jogo em que ele tem um desempenho tão invejável.

NOTA DO EDITOR

EM RESPEITO À ESCOLHA do autor, esta edição manteve a notação descritiva para representar as posições e jogadas de xadrez, conforme sua publicação original.



UM

BETH SOUBE DA MORTE de sua mãe por uma mulher com uma prancheta. No dia seguinte, sua fotografia saiu no *Herald-Leader*. Tirada na varanda da casa cinza na Maplewood Drive, a imagem mostrava Beth num vestido de algodão simples. Mesmo nessa época ela era notadamente sem graça. A legenda abaixo da imagem dizia: “Deixada órfã pelo engavetamento de ontem na New Circle Road, Elizabeth Harmon denuncia um futuro conturbado. Elizabeth, de 8 anos, perdeu sua família depois do acidente que matou duas pessoas e feriu outras. Na ocasião, a menina estava sozinha em casa e ficou sabendo do ocorrido pouco antes de a foto ser tirada. As autoridades dizem que ela será amparada.”



No Lar Methuen, em Mount Sterling, Kentucky, lhe davam um tranquilizante duas vezes ao dia. Faziam o mesmo com todas as outras crianças, para “equilibrar o temperamento”. O temperamento de Beth era razoável – até onde dava para ver –, mas ela gostava de ganhar o comprimidinho. Ele afrouxava alguma coisa lá no fundo do estômago e a ajudava a entorpecer as horas tensas no orfanato.

O Sr. Fergusson entregava os comprimidos num copinho de papel. Junto com o verde, que equilibrava o temperamento, havia um laranja e um mar-

rom, para desenvolver um corpo forte. As crianças precisavam fazer fila para tomá-los.

A garota mais alta era a negra, Jolene. Tinha 12 anos. No segundo dia, Beth ficou atrás dela na Fila da Vitamina e Jolene se virou para olhá-la de cima, carrancuda.

– Você é órfã de verdade ou é bastarda?

Beth não soube o que responder. Estava com medo. As duas permaneciam no final da fila e ela deveria continuar ali até chegarem à janelinha no balcão onde ficava o Sr. Fergusson. Beth tinha ouvido a mãe chamar seu pai de bastardo, mas não sabia o que isso significava. Jolene perguntou:

– Qual é o seu nome, garota?

– Beth.

– Sua mãe morreu? E cadê seu pai?

Beth a encarou. As palavras “mãe” e “morreu” eram insuportáveis. Queria ir embora, mas não havia para onde fugir.

– Seus pais – continuou Jolene numa voz que não era desprovida de solidariedade –, eles morreram?

Beth não conseguiu encontrar nada para dizer ou fazer. Ficou na fila, aterrorizada, esperando os comprimidos.

• • •

– Vocês são todos uns chupa-paus egoístas!

Foi Ralph, na ala dos garotos, que gritou isso. Ela escutou porque estava na biblioteca, e lá havia uma janela virada para o lado dos garotos. Beth não tinha a menor ideia do que era um “chupa-pau”. Mas, pelo tom, soube que iriam lavar a boca dele com sabão. Tinham feito isso com ela por causa de “merda” – e sua mãe falava “merda” o tempo todo.

• • •

O barbeiro a fez sentar-se absolutamente imóvel na cadeira.

– Se você se mexer, pode ficar sem a orelha.

Não havia nada de jovial na voz dele. Beth ficou o mais quieta que podia, mas era impossível permanecer completamente imóvel. Ele demorou uma eternidade para cortar o cabelo dela com a mesma franja que todas as

outras usavam. Ela tentou se ocupar pensando naquela expressão: “chupa-pau.” Só conseguia imaginar um pássaro, como um pica-pau. Mas achou que não era isso.

• • •

O zelador era mais gordo de um lado do que do outro. Seu nome era Shaibel. Sr. Shaibel. Um dia ela foi mandada ao porão para limpar os apagadores de giz batendo-os uns nos outros, e o encontrou sentado num banquinho de metal perto da caldeira, franzindo a testa para um tabuleiro de damas verde e branco. Só que onde deveriam estar as rodelas, havia umas coisinhas de plástico com formatos engraçados. Algumas eram maiores do que outras. Havia mais das pequenas. O zelador levantou os olhos para ela. Beth foi embora em silêncio.

Na sexta-feira todo mundo comia peixe, sendo católico ou não. Ele vinha em quadrados empanados com uma crosta de farinha de rosca escura, marrom e seca, cobertos com um molho grosso cor de laranja, parecido com um molho francês comprado pronto. O molho era doce e horrível, mas o peixe por baixo era pior. O gosto quase a fazia engasgar. Mas era preciso comer tudo, caso contrário a Sra. Deardorff ficaria sabendo e você não seria adotada.

Algumas crianças eram adotadas logo de cara. Uma menina de 6 anos chamada Alice tinha chegado um mês depois de Beth e fora levada três semanas mais tarde por umas pessoas bonitas com sotaque. Elas atravessaram a ala no dia em que vieram buscar Alice. Beth quis abraçá-las porque elas pareciam felizes, mas se virou quando olharam para ela. Outras crianças estavam ali havia muito tempo e sabiam que nunca iriam embora. Se intitulavam “condenadas”. Beth se perguntou se ela seria uma condenada.

• • •

A Educação Física era ruim, e jogar vôlei era pior que tudo. Beth nunca conseguia bater na bola do jeito certo. Ou lhe dava um tapa violento ou a empurrava com os dedos rígidos. Uma vez machucou o dedo tão sério que ele ficou inchado depois. A maioria das garotas ria e gritava quando jogava, mas Beth nunca fazia isso.

Jolene era, de longe, a melhor jogadora. Não só porque era mais velha e mais alta; ela sempre sabia exatamente o que fazer, e quando a bola vinha alta por cima da rede, conseguia se colocar embaixo dela sem ter de gritar para as outras ficarem fora do caminho. Em seguida saltava e dava uma cortada com um movimento longo e suave do braço. O time de Jolene sempre ganhava.

Na semana seguinte, depois de Beth machucar o dedo, Jolene a deteve no final da aula enquanto todas as outras corriam para os chuveiros. Ela disse:

– Deixa eu te mostrar uma coisa.

Em seguida levantou as mãos com os dedos compridos abertos e ligeiramente flexionados.

– Faz assim. – Ela dobrou os cotovelos e elevou as mãos suavemente, envolvendo uma bola imaginária. – Tenta.

Beth tentou, a princípio sem jeito. Jolene mostrou de novo, rindo. Beth tentou mais algumas vezes e se saiu melhor. Então Jolene jogou a bola e fez Beth pegá-la com as pontas dos dedos. Depois de algumas vezes, ficou fácil.

– Agora treina, tá bem? – disse Jolene antes de ir correndo para o chuveiro.

Beth treinou ao longo da semana seguinte, e depois disso não se incomodou mais com o vôlei. Não ficou boa, mas não teve mais medo de jogar.

• • •

Toda terça-feira, depois da aula de Aritmética, a Srta. Graham mandava Beth ir lá embaixo limpar os apagadores. Isso era considerado um privilégio, e Beth era a melhor aluna da turma, mesmo sendo a mais nova. Não gostava do porão. Cheirava a mofo, e ela tinha medo do Sr. Shaibel. Mas queria saber mais sobre o jogo que ele jogava sozinho naquele tabuleiro.

Um dia ela foi lá e parou perto dele, esperando que ele movesse uma peça. A que ele estava tocando tinha uma cabeça de cavalo em cima de um pequeno pedestal. Depois de um segundo, ele levantou os olhos com a testa franzida de irritação.

– O que você *quer*, criança?

Ela normalmente fugia de qualquer contato humano, especialmente com adultos, mas dessa vez não recuou.

– Que jogo é esse?

Ele a encarou.

– Você deveria estar lá em cima, com as outras.

Ela olhou para ele sem se abalar; alguma coisa naquele homem e na determinação com que jogava seu jogo misterioso a ajudou a se agarrar firme ao que queria.

– Não quero ficar com as outras. Quero saber que jogo é esse que o senhor está jogando.

Ele a fitou com mais atenção. Depois deu de ombros.

– Se chama xadrez.

• • •

Uma lâmpada solitária pendia de um fio preto entre o Sr. Shaibel e a caldeira. Beth tomava cuidado para não deixar a sombra de sua cabeça cobrir o tabuleiro. Era uma manhã de domingo. As crianças estavam lá em cima na biblioteca, na catequese, e ela havia levantado a mão pedindo para ir ao banheiro. Fazia dez minutos que estava ali, olhando o zelador jogar xadrez. Nenhum dos dois tinha falado nada, mas ele parecia aceitar sua presença.

O homem olhava as peças durante alguns minutos, imóvel, como se se odiasse, depois estendia a mão por cima da barriga, pegava uma delas com as pontas dos dedos, segurava-a por um momento como se estivesse com um rato morto pendurado pelo rabo, e a colocava em outro lugar. Sem erguer os olhos para Beth.

A menina ficava ali de pé com a sombra preta de sua cabeça no piso de concreto, observando o tabuleiro sem afastar o olhar, atenta a cada jogada.

• • •

Beth tinha aprendido a guardar os tranquilizantes até a noite. Isso a ajudava a dormir. Quando o Sr. Fergusen lhe entregava a pílula comprida, ela a colocava na boca, embaixo da língua, tomava um gole do suco de laranja enlatado que vinha junto e engolia. Quando o Sr. Fergusen passava para a próxima criança, Beth a tirava da boca e a enfiava no bolso da bata. O comprimido tinha um revestimento duro e não amolecia no tempo em que ficava embaixo da língua.

Nos primeiros dois meses, tinha dormido muito pouco. Ela tentava, deitada imóvel, os olhos fechados com força. Mas ouvia as garotas nas outras ca-

mas tossindo, se virando ou murmurando. Às vezes uma plantonista passava pelo corredor e a sombra cruzava sua cama. Ela via, mesmo de olhos fechados. Um telefone distante tocava ou alguém dava descarga no banheiro. Mas o pior de tudo era quando escutava vozes conversando na mesa no final do corredor. Não importava que a plantonista falasse baixinho com a funcionária noturna, não importava quanto fosse delicada, Beth ficava imediatamente tensa e totalmente acordada. Seu estômago se contraía, ela sentia gosto de vinagre na boca e dormir estaria fora de questão pelo resto da noite.

Agora ela se aninhava na cama, permitindo-se sentir a tensão no estômago com certo entusiasmo, sabendo que logo iria passar. Aguardava no escuro, sozinha, monitorando as sensações, esperando a agitação chegar ao ápice. Então engolia as duas pílulas e se recostava até a tranquilidade começar a se espalhar pelo seu corpo como as ondas de um mar morno.

• • •

– O senhor me ensina?

O Sr. Shaibel não disse nada. Ele nem sequer moveu a cabeça demonstrando ter ouvido. Vozes distantes lá em cima cantavam “Bringing in the Sheaves”, um hino devocional.

Beth esperou por vários minutos. Sua voz quase falhou com o esforço das palavras, mas ela as empurrou para fora mesmo assim:

– Quero aprender a jogar xadrez.

O Sr. Shaibel estendeu a mão gorda até uma das peças pretas maiores, pegou-a habilmente pela cabeça e a pousou numa casa do outro lado do tabuleiro. Recolheu a mão de volta e cruzou os braços. Continuou sem olhar para Beth.

– Não jogo com desconhecidos.

A frieza na voz teve o efeito de um tapa na cara. Beth se virou e foi embora, subindo a escada com aquele gosto ruim na boca.

– Não sou uma desconhecida – disse a ele dois dias depois. – Eu moro aqui. – Atrás de sua cabeça uma mariposa pequena girava ao redor da solitária lâmpada, e a sombra pálida atravessava o tabuleiro a intervalos regulares. – O senhor pode me ensinar. Eu já sei um pouco, só de ficar olhando.

– Meninas não jogam xadrez.

A voz do Sr. Shaibel era fria.

Ela tomou coragem e deu um passo mais para perto, apontando para uma das peças cilíndricas sem tocá-la. Em sua imaginação, já tinha lhe dado um nome: canhão.

– Essa aí anda para a frente e para trás, para um lado e para o outro. Até o final, se tiver espaço.

O Sr. Shaibel ficou um tempo calado. Depois apontou para a que parecia ter um limão cortado em cima.

– E essa?

O coração de Beth deu um pulo.

– Nas diagonais.

• • •

Era possível economizar os comprimidos tomando só um à noite e guardando o outro. Beth colocava os que restavam no estojo de sua escova de dente, onde ninguém nunca iria olhar. Só precisava se certificar de secar a escova o máximo possível com uma toalha de papel depois de usar. Ou então de não usar a escova e limpar os dentes esfregando o dedo neles.

Naquela noite, pela primeira vez tomou três pílulas, uma depois da outra. Pequenos calafrios correram pelos cabelos em sua nuca; ela tinha descoberto uma coisa importante. Beth deixou o brilho se espalhar por todo o corpo, deitada em sua cama com o pijama azul desbotado, no pior lugar da ala das meninas, perto da porta do corredor e em frente ao banheiro. Alguma coisa em sua vida estava solucionada: conhecia as peças de xadrez e sabia como elas se moviam e capturavam. Também sabia como sentir aquele alívio no estômago e nas juntas tensas dos braços e das pernas com os comprimidos que o orfanato lhe dava.

• • •

– Certo, criança. Podemos jogar xadrez agora. Eu jogo com as brancas – disse o Sr. Shaibel.

Ela estava com os apagadores. A aula de Aritmética havia terminado e faltavam dez minutos para a de Geografia.

– Não tenho muito tempo.

Beth havia aprendido o movimento de todas as peças no domingo ante-

rior, durante a hora da catequese. Contanto que respondesse à chamada no início, ninguém dava pela falta dela, pois um grupo de meninas vinha do Lar das Crianças, do outro lado da cidade. Mas com a aula de Geografia era outra história. Ela morria de medo do Sr. Schell, mesmo sendo a melhor da turma.

A voz do zelador era fria:

- É agora ou nunca.
- Tenho aula de Geografia...
- Agora ou nunca.

Beth pensou por apenas um segundo antes de se decidir. Tinha visto um velho caixote de leite atrás da caldeira. Arrastou-o até o outro lado do tabuleiro, sentou-se e disse:

– Jogue.

Ele a derrotou em quatro lances, com o que ela mais tarde descobriria se chamar Mate do Pastor. Foi rápido, mas não o suficiente para impedi-la de chegar 15 minutos atrasada à aula de Geografia. Disse que estava no banheiro.

Parado junto à mesa com as mãos nos quadris, o Sr. Schell perguntou à turma:

– Alguma das senhoritas viu esta senhorita no banheiro feminino?

Houve risinhos baixos. Nenhuma mão se levantou, nem mesmo a de Jolene, e Beth já tinha mentido para ajudá-la duas vezes.

– E quantas das senhoritas estiveram no banheiro feminino antes da aula? Houve mais risinhos e três mãos se levantaram.

– E alguma viu Beth lá? Lavando as mãozinhas, talvez?

Não houve resposta. O Sr. Schell se virou de volta para o quadro, onde estivera listando os produtos exportados pela Argentina, e acrescentou a palavra “prata”. Por um momento Beth achou que a situação estivesse resolvida. Mas então ele disse, ainda de costas para a turma:

– Cinco deméritos.

Com dez deméritos, você apanhava no traseiro com uma tira de couro. Beth só havia sentido a tira em sua imaginação – que se expandiu por um momento numa imagem de dor e fogo em suas partes macias. Ela levou a mão ao coração, tateando a parte de baixo do bolso em busca do comprimido daquela manhã. Seu medo se reduziu perceptivelmente. Visualizou o estojo da escova de dente, o comprido recipiente retangular de plástico;

tinha mais quatro comprimidos lá dentro, na gaveta da mesinha de cabeceira metálica ao lado de sua cama.

Naquela noite ficou deitada de barriga para cima. Ainda não tinha tomado o comprimido que estava em sua mão. Ouviu os ruídos noturnos e notou que eles pareciam mais altos à medida que seus olhos se acostumavam à escuridão. No final do corredor o Sr. Byrne começou a falar com a Sra. Holland, junto à mesa. O corpo de Beth se retesou ao ouvir aquele som. Ela piscou, olhou para o teto escuro lá em cima e se forçou a enxergar o tabuleiro de xadrez com as casas verdes e brancas. Colocou as peças em suas casas iniciais: torre, cavalo, bispo, dama, rei e a fileira de peões à frente. Então moveu o peão do rei das brancas para a quarta fileira. Em seguida avançou o peão do rei das pretas para a frente. Ela conseguia! Era simples. Foi em frente, começando a repassar a partida que havia perdido.

Levou o cavalo do Sr. Shaibel para a terceira fileira. Ele ficou ali, nítido em sua mente, no tabuleiro verde e branco do teto do dormitório.

Os barulhos já haviam se reduzido a um fundo branco, harmonioso, e Beth ficou deitada na cama, feliz, jogando xadrez.

• • •

No domingo seguinte ela bloqueou o Mate do Pastor com seu cavalo do rei. Tinha repassado o jogo na mente uma centena de vezes até a raiva e a humilhação cederem espaço, deixando as peças e o tabuleiro nítidos em sua visão noturna. Quando foi jogar com o Sr. Shaibel no domingo, já estava tudo resolvido, e ela moveu o cavalo como se estivesse num sonho. Beth adorou a sensação de segurar a peça, a cabeça minúscula do cavalo em sua mão. Quando o colocou de volta no tabuleiro, o zelador fez uma cara feia. Ele pegou sua dama pela cabeça e deu xeque no rei dela. Mas Beth também estava preparada para isso; tinha visto essa jogada na cama, na noite anterior.

Ele precisou de catorze lances para encurralar a dama de Beth. Ela tentou continuar jogando sem a dama, ignorando a perda mortal. Mas ele segurou sua mão, impedindo que ela tocasse o peão que estava prestes a mover.

– Agora você desiste – disse ele com dureza na voz.

– Desisto?

– Isso mesmo, criança. Quando perde a dama desse jeito, você desiste.

Beth o encarou sem compreender. Ele soltou sua mão, pegou o rei preto

e o deitou no tabuleiro. A peça rolou para a frente e para trás por um momento antes de ficar imóvel.

– Não.

– Sim. Você desistiu do jogo.

Ela queria acertá-lo com alguma coisa.

– O senhor não me disse isso nas regras.

– Não é regra. É espírito esportivo.

Agora ela sabia o que ele queria dizer, mas não gostou.

– Quero terminar – insistiu, pegando o rei e colocando-o de volta no lugar.

– Não.

– O senhor tem que terminar.

Ele ergueu as sobrancelhas e se levantou. Beth nunca o tinha visto de pé no porão – só nos corredores, varrendo, ou nas salas de aula quando lavava os quadros-negros. Agora ele precisava se encurvar um pouco para não bater com a cabeça nos caibros do teto baixo.

– Não – disse ele. – Você perdeu.

Não era justo. Ela não queria saber de espírito esportivo nenhum. Queria jogar e ganhar. Queria ganhar mais do que tudo que já havia desejado. Ela disse duas palavras que nunca havia pronunciado desde a morte da mãe:

– Por favor.

– O jogo acabou.

Ela o encarou furiosa.

– Seu chupa-p...

Ele deixou os braços caírem ao lado do corpo e disse devagar:

– Não tem mais xadrez nenhum. Saia daqui.

Se ela ao menos fosse maior... Mas não era. Beth se levantou e foi andando para a escada enquanto o zelador a observava em silêncio.

• • •

Na terça-feira, quando foi pelo corredor em direção ao porão carregando os apagadores, Beth encontrou a porta trancada. Empurrou-a duas vezes com o quadril, mas ela nem se mexeu. Bateu, a princípio baixinho, depois alto, mas não ouviu nada do outro lado. Foi horrível. Ela sabia que ele estava lá, sentado diante do tabuleiro, que só estava com raiva por causa da

última vez, mas não podia fazer nada. Quando ela levou os apagadores de volta, a Srta. Graham não notou que eles não tinham sido limpos nem que Beth havia retornado mais cedo que de costume.

Na quinta-feira Beth teve certeza de que seria a mesma coisa, mas não. A porta estava aberta e, quando ela desceu, o Sr. Shaibel agiu como se nada tivesse acontecido. As peças estavam arrumadas. Ela limpou os apagadores rapidamente e se sentou diante do tabuleiro. Ele já tinha movido o peão do rei. Beth avançou seu peão do rei, movendo-o duas casas à frente. Dessa vez não cometeria erro nenhum.

Ele respondeu rapidamente à sua jogada e ela fez sua jogada de imediato. Nenhum dos dois disse nada, e continuaram fazendo os lances. Beth podia sentir a tensão, e gostou.

No 20º lance, o Sr. Shaibel avançou um cavalo quando não deveria. Beth conseguiu colocar um peão na sexta horizontal. Ele voltou com o cavalo. Foi um lance desperdiçado e ela sentiu empolgação ao vê-lo fazer isso. Trocou seu bispo pelo cavalo. Então, na jogada seguinte, avançou novamente o peão. Ele iria se tornar uma dama no próximo lance.

O Sr. Shaibel ficou olhando para a peça, depois estendeu a mão com raiva e tombou o próprio rei. Nenhum dos dois disse nada. Era a primeira vitória dela. Toda a tensão havia sumido, e o que Beth sentiu por dentro foi a coisa mais maravilhosa que já havia experimentado na vida.

•••

Beth descobriu que podia faltar ao almoço nos domingos que ninguém notava. Isso lhe dava três horas com o Sr. Shaibel, até ele ir para casa às duas e meia. Nenhum dos dois dizia nada. Ele sempre jogava de brancas, fazendo o primeiro lance, e ela de pretas. Beth havia pensado em questionar isso, mas decidiu não falar nada.

Num domingo, depois de um jogo que ele tinha conseguido vencer por pouco, o Sr. Shaibel disse:

- Você deveria aprender a Defesa Siciliana.
- O que é isso? – perguntou Beth, irritada.

Ainda estava mordida com a derrota. Tinha vencido duas partidas na semana anterior.

- Quando as brancas movem o peão para a casa quatro do rei, as pretas

fazem isso. – Ele estendeu a mão e avançou o peão branco duas casas, seu primeiro lance que quase nunca mudava. Em seguida pegou o peão que ficava na frente do bispo da dama preta e o avançou duas casas em direção ao centro. Era a primeira vez que mostrava algo assim.

– E depois? – perguntou ela.

Ele pegou o cavalo do rei e o colocou abaixo e à direita do peão.

– Cavalo 3BR.

– O que é 3BR?

– Três Bispo do Rei. A casa onde acabei de colocar o cavalo.

– As casas têm nome?

O Sr. Shaibel assentiu, impassível. Beth sentiu que ele não queria lhe dar nem mesmo essa informação.

– Se você jogar bem, elas têm nome.

Beth se inclinou para a frente.

– Me mostre.

Ele a olhou de cima.

– Não. Agora não.

Isso a deixou furiosa. Ela entendia que as pessoas gostassem de guardar segredos. Ela guardava os seus. Mesmo assim Beth quis se debruçar por cima do tabuleiro e dar um tapa na cara dele, obrigá-lo a contar. Respirou fundo.

– Isso é a Defesa Siciliana?

Ele pareceu aliviado por ela ter deixado de lado o assunto dos nomes das casas.

– Tem mais – continuou ele, mostrando os lances principais e algumas variantes, mas sem usar os nomes das casas.

Ele mostrou a variante Levenfish e a variante Najdorf e lhe disse para repassá-las. Ela fez isso sem um único erro.

Mas depois, quando foram jogar uma partida de verdade, ele avançou o peão da dama, e Beth viu imediatamente que o que ele tinha acabado de ensinar seria inútil nessa situação. Ela o encarou furiosa por cima do tabuleiro, sentindo que, se tivesse uma faca, seria capaz de apunhalá-lo. Depois olhou de volta para o tabuleiro e avançou seu peão da dama, decidida a derrotá-lo.

Ele moveu o peão que ficava ao lado do peão da dama, na frente do bispo. Fazia isso com frequência.

– Essa é uma daquelas coisas? Como a Defesa Siciliana?

– Aberturas – respondeu ele sem olhar para ela, ainda encarando o tabuleiro.

– É?

Ele deu de ombros.

– O Gambito da Dama.

Ela se sentiu melhor. Tinha aprendido mais uma coisa com ele. Decidiu não tomar o peão oferecido, deixar a tensão no tabuleiro. Gostava disso. Gostava do poder das peças, exercido ao longo das fileiras e diagonais. No meio do jogo, quando havia peças por todo lado, as forças se entrecruzando no tabuleiro a alvoroçavam. Avançou seu cavalo do rei, sentindo o poder dele se espalhar.

Em vinte lances tinha tomado as duas torres do Sr. Shaibel e ele desistiu.

Beth rolou na cama, pôs um travesseiro sobre a cabeça para bloquear a luz que vinha do corredor, por baixo da porta, e começou a pensar em como seria possível usar um bispo e uma torre juntos para dar um xeque repentino ao rei. Se movesse o bispo, o rei ficaria em xeque e o bispo estaria livre para fazer o que quisesse no lance seguinte – até mesmo tomar a dama. Ficou deitada um bom tempo, entusiasmada com esse ataque poderoso. Depois tirou o travesseiro de cima da cabeça, se virou de barriga para cima, criou o tabuleiro no teto e repassou todas as partidas que jogara com o Sr. Shaibel, uma de cada vez. Viu duas ocasiões nas quais poderia ter criado a situação de torre e bispo que tinha acabado de inventar. Numa delas poderia tê-la forçado com um ataque duplo, e na outra provavelmente poderia tê-la criado furtivamente. Repassou mentalmente as duas partidas com os novos lances e ganhou ambas. Sorriu feliz consigo mesma e caiu no sono.

• • •

A professora de Aritmética encarregou outro aluno da limpeza dos apagadores, dizendo que Beth precisava de um descanso. Não era justo, porque ela ainda só tirava 10 em Aritmética, mas Beth não podia fazer nada. Quando o menininho ruivo saía com os apagadores, ela ficava sentada na sala, fazendo suas adições e subtrações sem sentido, com a mão trêmula. A cada dia queria mais desesperadamente jogar xadrez.

Na terça e na quarta-feira ela tomou só um comprimido e guardou o outro. Na quinta conseguiu dormir depois de jogar xadrez na própria mente

durante cerca de uma hora e guardou as duas pílulas do dia. Fez o mesmo na sexta. No sábado inteiro, enquanto fazia o serviço na cozinha do refeitório, e à tarde, durante o filme cristão na biblioteca e a Palestra de Desenvolvimento Pessoal antes do jantar, era capaz de sentir um brilhinho sempre que desejava, sabendo que tinha seis comprimidos no estojo da escova de dente.

Naquela noite, depois do apagar das luzes, tomou todos, um por um, e esperou. A sensação, quando veio, foi deliciosa – uma espécie de doçura tranquila na barriga e um afrouxamento nas partes tensas do corpo. Manteve-se acordada o máximo que pôde para desfrutar o calor dentro dela, a profunda felicidade química.

No domingo, quando o Sr. Shaibel perguntou por onde ela andara, Beth ficou surpresa por ele se importar.

– Não me deixaram sair da sala.

Ele assentiu. O tabuleiro estava arrumado e, para sua surpresa, ela viu que as peças brancas estavam viradas para o seu lado e o caixote de leite já estava na posição.

– Sou eu que faço a primeira jogada?

– É. De agora em diante a gente se reveza. É como o jogo deve ser.

Ela se sentou e moveu o peão do rei. Sem dizer nada, o Sr. Shaibel moveu seu peão do bispo da dama. Beth não tinha esquecido os lances. Jamais esquecia. Ele jogou a variante Levenfish; ela ficou de olho no domínio do bispo dele sobre a grande diagonal, o modo como a peça estava só esperando para dar o bote. E encontrou um modo de neutralizá-lo no 17º lance: conseguiu trocar seu bispo, mais fraco, por ele. Depois avançou com o cavalo, levou a torre para o ataque e deu xeque-mate em dez jogadas.

Tinha sido simples: apenas uma questão de manter os olhos abertos e visualizar os rumos que o jogo poderia tomar.

O xeque-mate pegou o Sr. Shaibel de surpresa; ela apanhou o rei na última fileira, estendendo o braço até o outro lado do tabuleiro e colocando a torre na casa de mate.

– Mate – disse ela sem se abalar.

Nesse dia o Sr. Shaibel estava diferente. Não fez a cara feia que sempre fazia quando ela o derrotava.

– Vou lhe ensinar notação de xadrez.

Ela elevou o olhar para ele.

– Os nomes das casas. Vou ensinar agora.

Ela piscou.

– Então eu já sou boa?

Ele ia dizer alguma coisa, mas se deteve e em vez disso perguntou:

– Quantos anos você tem, criança?

– Oito.

– Oito anos. – Ele se inclinou para a frente, até onde sua pança enorme permitia. – Para dizer a verdade, você é extraordinária.

Ela não entendeu o que ele queria dizer.

– Com licença. – O Sr. Shaibel se abaixou para pegar no chão uma garrafinha quase vazia. Depois inclinou a cabeça para trás e tomou um gole.

– Isso é uísque? – perguntou Beth.

– É, criança. E não conte a ninguém.

– Não vou contar – disse ela. – Me ensina a notação de xadrez.

Ele pôs a garrafa de volta no chão. Beth a acompanhou por um momento com os olhos, imaginando como seria o gosto do uísque e qual seria a sensação ao beber. Depois voltou o olhar e a atenção para o tabuleiro com as 32 peças, cada qual exercendo sua força silenciosa.

• • •

Foi acordada em algum momento no meio da noite. Havia alguém sentado na beirada da cama. Beth ficou rígida.

– Calminha – sussurrou Jolene. – Sou só eu.

Beth não falou nada; ficou deitada, imóvel, esperando.

– Pensei que você podia gostar de experimentar uma coisa divertida. – Jolene enfiou a mão embaixo do lençol e a colocou delicadamente na barriga de Beth. Ela estava virada para cima. A mão ficou ali e o corpo de Beth continuou rígido.

– Não precisa ficar tensa – sussurrou Jolene. – Não vai doer nada. – Ela deu um risinho baixo. – Só estou com tesão. Sabe o que é tesão?

Beth não sabia.

– É só relaxar. Vou esfregar um pouquinho. Vai ser bom, se você deixar.

Beth virou a cabeça para a porta do corredor. Estava fechada. A luz, como sempre, entrava por baixo. Dava para escutar vozes distantes, na mesa.

A mão de Jolene foi se movendo para baixo. Beth balançou a cabeça.

– Não... – sussurrou.

– Shhh. – A mão de Jolene desceu mais e um dedo começou a esfregar para cima e para baixo. Não doeu, mas algo em Beth resistia. Ela sentiu que estava suando. – Ah, merda – disse Jolene. – Aposto que está gostoso. – Ela se contorceu, chegando mais perto, e pegou a mão de Beth com a sua mão livre, puxando-a. – Toca em mim também.

Beth deixou a mão frouxa. Jolene guiou-a por baixo da camisola até os dedos roçarem num lugar quente e úmido.

– Anda, agora, aperta um pouquinho – sussurrou Jolene.

A intensidade naquela voz sussurrando dava medo. Beth obedeceu e apertou com mais força.

– Anda, meu bem – murmurou Jolene –, mexe para cima e para baixo. Assim.

Ela começou a mover o dedo em Beth. Era aterrorizante. Beth esfregou Jolene algumas vezes, se esforçando, concentrando-se em simplesmente fazer aquilo. Seu rosto estava molhado de suor e a mão livre apertava o lençol, espremendo-o com toda a força.

Então o rosto de Jolene estava encostado no de Beth e o braço em volta do seu peito.

– Mais rápido – sussurrou Jolene. – *Mais rápido.*

– Não! – disse Beth em voz alta, aterrorizada. – *Não, não quero.*

E puxou a mão de volta.

– Filha da puta – xingou Jolene em voz alta.

Passos rápidos vieram pelo corredor e a porta se abriu. A luz jorrou para dentro. Era uma funcionária da noite, que Beth não conhecia. A mulher ficou parada por um longo minuto. Tudo estava silencioso. Jolene tinha ido embora. Beth não se atreveu a se mexer para ver se ela teria voltado para a própria cama. Por fim a mulher saiu. Beth viu a silhueta do corpo de Jolene de volta na cama. Ela tinha três comprimidos na gaveta; tomou todos os três. Depois se deitou de barriga para cima e esperou o gosto ruim ir embora.

No dia seguinte, no refeitório, estava num estado deplorável por não ter dormido.

– Você é a garota branca mais feia *de todos os tempos* – disse Jolene num sussurro teatral. Tinha chegado perto de Beth na fila para as caixinhas de cereal. – Seu nariz é feio, sua cara é feia e sua pele parece lixa. Sua puta branquela lixenta.

Jolene continuou andando, de cabeça erguida, até os ovos mexidos. Beth não disse nada. Sabia que era verdade.

• • •

Rei, cavalo, peão. As tensões no tabuleiro eram capazes de entortá-lo. Então *paf!* A dama caiu. As torres na borda do tabuleiro, a princípio encurraladas, mas a postos, criando pressão e depois removendo a pressão num único movimento. Na aula de Ciências, a Srta. Hadley tinha falado sobre ímãs, sobre “linhas de força”. Beth, quase dormindo de tédio, acordou de repente. Linhas de força: bispos nas diagonais; torres nas colunas e nas fileiras.

As carteiras na sala de aula podiam ser como as casas do tabuleiro. Se o garoto ruivo chamado Ralph fosse um cavalo, ela poderia pegá-lo e movê-lo duas carteiras à frente e uma ao lado, colocando-o na carteira vazia ao lado de Denise. Isso daria um xeque em Bertrand, sentado na primeira fila e que, ela decidiu, era o rei. Sorriu ao pensar nisso. Fazia mais de uma semana que Jolene e ela não se falavam, e Beth não se permitiu chorar. Agora tinha quase 9 anos e não precisava de Jolene. Não importava como se sentisse com relação a isso. Não precisava de Jolene.

• • •

– Aqui – disse o Sr. Shaibel, e lhe entregou alguma coisa num saco de papel pardo.

Era meio-dia de domingo. Ela abriu o saco. Dentro havia um livro grosso, em brochura: *Aberturas modernas do xadrez*.

Incrédula, Beth começou a virar as páginas. O livro estava cheio de longas colunas verticais de notações de xadrez. Havia pequenos diagramas de tabuleiros e títulos de capítulos como “Aberturas do Peão da Dama” e “Sistemas de Defesa Índia”. Ela levantou os olhos.

Ele estava de cara feia.

– É o melhor livro para você – afirmou. – Vai ensinar o que você quer saber.

Ela não disse nada, apenas se sentou em seu caixote de leite diante do tabuleiro, segurando o livro com força no colo, e esperou para jogar.

• • •

A aula de Inglês era a mais enfadonha, com a voz lenta do Sr. Espero e os poetas com nomes como John Greenleaf Whittier e William Cullen Bryant. “Onde o orvalho caindo,/Enquanto reluzem os céus com os últimos passos do dia...” Era idiota. E ele lia cada palavra em voz alta, com cuidado.

Beth mantinha o *Aberturas modernas do xadrez* embaixo da mesa enquanto o Sr. Espero lia. Repassava as variantes, uma de cada vez, jogando-as em sua cabeça. No terceiro dia, as notações – P4R, C3BR – já saltavam para sua mente rápida como se fossem peças sólidas em casas de verdade. Enxergava tudo com facilidade; não precisava de tabuleiro. Podia ficar ali, com o *Aberturas modernas do xadrez* no colo, sobre a saia de sarja azul pregueada do Lar Methuen, e enquanto o Sr. Espero falava sem parar sobre o engrandecimento do espírito que a grande poesia proporcionava ou lia em voz alta versos como “Àquele que por amor à natureza/comunga com suas formas visíveis, ela fala em linguagem variada”, os lances das partidas de xadrez se encaixavam no lugar diante de seus olhos semicerrados. No final do livro havia continuações, chegando por vezes ao final de alguns jogos clássicos, a desistências no 27º lance ou empates no 40º. E Beth havia aprendido a guiar as peças ao longo de todo esse balé, às vezes prendendo o fôlego diante da elegância de uma combinação, de um sacrifício ou do equilíbrio contido de forças numa posição. E sua mente sempre estava na vitória ou no potencial para a vitória.

– “Para suas mais alegres horas ela tem uma voz animada,/um sorriso e uma eloquência de beleza...” – leu o Sr. Espero enquanto a mente de Beth dançava, maravilhada com o rococó geométrico do xadrez, fascinada, extasiada, afogando-se nas permutações grandiosas à medida que se abriam para sua alma e sua alma se abria para elas.

• • •

– *Branquela lixenta!* – sibilou Jolene enquanto saíam da aula de História.

– *Crioula* – Beth sibilou de volta.

Jolene parou e se virou para encará-la.

• • •

No sábado seguinte, Beth tomou seis comprimidos e se entregou à sua doce química, mantendo uma das mãos na barriga e a outra na xoxota. Essa palavra ela conhecia. Era uma das poucas coisas que sua mãe tinha lhe ensinado antes de bater com o Chevy.

– Se enxugue – dizia a mãe no banheiro. – Não deixe de enxugar a xoxota.

Beth moveu os dedos para cima e para baixo, como Jolene tinha feito. Não era gostoso. Pelo menos não para ela. Tirou a mão e caiu de volta na tranquilidade mental das pílulas. Talvez fosse nova demais. Jolene era quatro anos mais velha e tinha pelos crespos crescendo lá. Beth havia sentido.

• • •

– Bom dia, branquela lixenta – disse Jolene baixinho. Seu rosto estava tranquilo.

– Jolene.

Jolene se aproximou. Não havia ninguém por perto, só as duas. Estavam no vestiário depois da aula de Educação Física.

– O que você quer?

– Quero saber o que é um “chupa-pau”.

Jolene a encarou por um momento. Depois caiu na gargalhada.

– Merda – disse. – Você sabe o que é “pau”?

– Acho que não.

– É o que os garotos têm. Tem na parte de trás do livro de saúde. Parecido com um polegar.

Beth confirmou com a cabeça. Conhecia a figura.

– Bom, querida – disse Jolene, séria –, tem garotas que gostam de chupar aquele polegar.

Beth pensou nisso.

– Não é por lá que eles fazem xixi?

– Acho que eles devem limpar.

Beth se afastou, chocada. E ainda estava perplexa. Tinha ouvido falar de assassinos e torturadores – em casa tinha visto um garoto vizinho espancar o cachorro com um porrete até ele perder os sentidos –, mas não entendia como alguém poderia fazer aquilo que Jolene tinha falado.

• • •

No domingo seguinte, Beth ganhou cinco partidas, uma depois da outra. Já fazia três meses que vinha jogando com o Sr. Shaibel e sabia que ele não podia mais vencê-la. Nem uma vez. Previa cada golpe, cada ameaça que ele conhecia. O homem não conseguia de jeito nenhum confundir-la com seus cavalos, manter uma peça numa casa perigosa ou colocá-la em apuros cravando uma peça importante. Ela era capaz de ver antes o que ele estava tramando e impedi-lo enquanto continuava a montar seu ataque.

Quando terminaram, o Sr. Shaibel perguntou:

– Você tem 8 anos?

– Faço 9 em novembro.

Ele assentiu.

– Você vem aqui no próximo domingo?

– Venho.

– Bom. Não deixe de vir.

No domingo seguinte havia outro homem no porão com o Sr. Shaibel. Era magro e usava camisa listrada e gravata.

– Este é o Sr. Ganz, do clube de xadrez – disse o Sr. Shaibel.

– Clube de xadrez? – repetiu Beth, olhando-o de cima a baixo.

Ele era um pouco parecido com o Sr. Schell, embora estivesse sorrindo.

– Nós jogamos num clube – contou o Sr. Shaibel.

– E eu sou treinador do time do Colégio Duncan.

Ela nunca tinha ouvido falar dessa escola.

– Quer jogar uma partida comigo? – perguntou o Sr. Ganz.

Em vez de responder, Beth sentou-se no caixote de leite. Havia uma cadeira dobrável ao lado do tabuleiro. O Sr. Shaibel acomodou seu corpo pesado nela e o Sr. Ganz se sentou no banquinho. Ele estendeu a mão num movimento rápido e nervoso e pegou dois peões: um branco e um preto. Envolveu-os com as mãos, embaralhou-os por um momento e depois estendeu os braços para Beth, com os punhos fechados.

– Escolha uma das mãos – disse o Sr. Shaibel.

– Por quê?

– Você joga com a cor que tirar.

– Ah. – Ela estendeu o braço e mal tocou na mão esquerda do Sr. Ganz.

– Essa.

Ele a abriu. O peão preto estava na palma.

– Sinto muito – disse ele, sorrindo.

O sorriso dele a deixou desconfortável.

O tabuleiro já estava com as pretas viradas para Beth. O Sr. Ganz colocou os peões de volta nas casas, jogou peão quatro do rei e Beth relaxou. Tinha aprendido todas as linhas de Siciliana do livro. Ela avançou o peão do bispo da dama para sua quarta casa. Quando ele desenvolveu o cavalo, ela decidiu usar a Najdorf.

Mas o Sr. Ganz era esperto demais para isso. Ele jogava melhor do que o Sr. Shaibel. Mesmo assim, depois de meia dúzia de lances, Beth soube que seria fácil vencê-lo e partiu para cima, calma e implacável, obrigando-o a desistir depois de 23 lances.

Ele deitou seu rei de lado no tabuleiro.

– Você certamente conhece o jogo, mocinha. Vocês têm um time aqui?

Ela olhou para ele, sem entender.

– As outras meninas. Elas têm um clube de xadrez?

– Não.

– Então onde você joga?

– Aqui embaixo.

– O Sr. Shaibel disse que vocês jogaram algumas partidas aos domingos. O que você faz entre um domingo e outro?

– Nada.

– Mas como você treina?

Ela não queria contar que jogava xadrez na própria mente enquanto estava na sala de aula e na cama à noite. Para distraí-lo, disse:

– Quer jogar outra?

Ele riu.

– Está bem. É sua vez com as brancas.

Ela o derrotou com mais facilidade ainda, usando a Abertura Réti. O livro a considerava um sistema “hipermoderno”; ela gostava de como essa abertura usava o bispo do rei. Depois de 20 lances, deteve o Sr. Ganz para lhe mostrar que tinha xeque-mate em três jogadas. Ele demorou meio minuto para enxergar. Balançou a cabeça, incrédulo, e tomou seu rei.

– Você é espantosa. Nunca vi nada assim. – Em seguida se levantou e foi até a caldeira, onde Beth havia notado uma pequena sacola de compras. – Agora preciso ir. Mas trouxe um presente para você – disse, antes de lhe entregar a sacola.

Ela olhou lá dentro, torcendo para ver outro livro de xadrez. Havia alguma coisa embrulhada em papel de seda.

– Desembrulhe – pediu o Sr. Ganz, sorrindo.

Ela pegou o objeto e tirou o papel enrolado frouxamente. Era uma boneca cor-de-rosa com um vestido estampado azul, cabelo louro e boca franzida. Beth segurou-a por um momento, olhando-a.

– E então? – quis saber o Sr. Ganz.

– Quer jogar outra partida? – perguntou Beth, segurando a boneca pelo braço.

– Preciso ir – disse o Sr. Ganz. – Talvez eu volte na semana que vem.

Ela assentiu.

Havia uma grande lata de óleo usada como lixeira no final do corredor. Ao passar por ela indo para o filme da tarde de domingo, Beth jogou a boneca lá dentro.

• • •

Durante a aula de Saúde ela encontrou a figura na parte de trás do livro. Numa página havia uma mulher e na outra um homem. Eram silhuetas simples, sem sombreado. Os dois estavam de pé com os braços ao lado do corpo e as palmas das mãos viradas para fora. No V embaixo da barriga lisa, a mulher tinha apenas uma linha vertical. O homem não tinha essa linha ou, se tinha, não dava para ver. O que ele tinha parecia uma bolsa pequena com uma coisa meio redonda pendurada na frente. Jolene disse que era igual a um polegar. Era o pau dele.

O professor, o Sr. Hume, estava dizendo que era preciso comer verduras pelo menos uma vez por dia. Ele começou a escrever o nome das verduras no quadro. Do lado de fora da grande janela à esquerda de Beth, as camélias cor-de-rosa estavam começando a florescer. Ela examinou o desenho do homem nu, tentando em vão encontrar algum segredo.

• • •

O Sr. Ganz voltou no domingo seguinte, trazendo seu próprio tabuleiro de xadrez. O tabuleiro tinha casas pretas e brancas e as peças estavam numa caixa de madeira forrada de feltro vermelho. Eram feitas de madeira lus-

trosa; Beth podia enxergar os veios nas brancas. Enquanto o Sr. Ganz as arrumava, ela estendeu a mão e levantou um dos cavalos. Era mais pesado do que os que ela usava e tinha um círculo de feltro verde embaixo. Ela nunca havia pensado em possuir coisas, mas queria esse jogo de xadrez.

O Sr. Shaibel tinha arrumado seu tabuleiro no lugar de sempre e pegou outro caixote de leite para o do Sr. Ganz. Agora os dois tabuleiros estavam lado a lado, separados por uns 30 centímetros. Era um dia de sol e a luz forte entrava pela janela, filtrada pelos arbustos baixos no passeio ao lado do prédio. Ninguém falou nada enquanto as peças eram arrumadas. O Sr. Ganz pegou delicadamente o cavalo na mão de Beth e o colocou em sua casa original.

– Pensamos se você poderia jogar com nós dois – disse ele.

– Ao mesmo tempo?

Ele assentiu.

O caixote de leite de Beth tinha sido posto entre os dois tabuleiros. Ela jogaria as duas partidas de brancas, e em ambas começou com peão quatro do rei.

O Sr. Shaibel respondeu com a Siciliana; o Sr. Ganz jogou peão quatro do rei. Ela nem precisou parar para pensar nas continuações. Fez as duas jogadas e olhou pela janela.

Derrotou os dois sem esforço. O Sr. Ganz arrumou as peças e eles recomeçaram. Dessa vez Beth jogou peão quatro da dama nos dois tabuleiros e seguiu com peão quatro bispo da dama: o Gambito da Dama. Sentia-se profundamente relaxada, quase num sonho. Havia tomado sete tranquilizantes por volta da meia-noite, e parte do langor ainda permanecia.

Lá pelo meio das partidas, estava olhando pela janela, para um arbusto com botões cor-de-rosa, quando escutou a voz do Sr. Ganz dizendo:

– Beth, eu movi meu bispo para a casa cinco do bispo.

E ela respondeu como que num sonho:

– Cavalo 5R.

O arbusto parecia brilhar ao sol de primavera.

– Bispo quatro do cavalo – disse o Sr. Ganz.

– Dama quatro da dama – respondeu Beth, ainda sem olhar.

– Cavalo três bispo da dama – disse o Sr. Shaibel com a voz rouca.

– Bispo cinco do cavalo.

Os olhos de Beth continuavam voltados para os botões cor-de-rosa.

– Peão três do cavalo.

O Sr. Ganz tinha uma estranha suavidade na voz.

– Dama quatro da torre, xeque – disse Beth.

Ela ouviu o Sr. Ganz inspirar bruscamente. Depois de um segundo ele disse:

– Rei um do bispo.

– É mate em três – disse Beth sem se virar. – O primeiro xeque é com o cavalo. O rei tem as duas casas pretas, e o bispo dá o xeque. Depois o cavalo dá o mate.

O Sr. Ganz soltou o ar lentamente.

– Meu Deus! – disse.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

